

ANAIS DE FILOSOFIA CLÁSSICA

Ética dos apetites

Susana de Castro
UFRJ - PPGF

RESUMO: Na sua obra *Ética a Nicômáco* Aristóteles explica o caráter contingente das ações, mas também a importância da prática para que evitemos o erro. Seu estudo da ação o leva a definir o bem como o motor do agir e o sumo bem como a felicidade da polis. Este texto mostra como as virtudes éticas implicam em um estado ativo (*héxis*) da alma e o significado do hábito para a ética aristotélica.

PALAVRAS-CHAVES: Aristóteles; Ética a Nicômáco; ação; prática; virtude; desejo.

ABSTRACT: In his work *Nicomachean Ethics* Aristotle explains the contingent character of actions, but the importance of the practice to avoid wrongdoings. His study of action leads him to define 'good' as the motor of action and summon good as the happiness of the polis. This text shows how the ethical virtues imply an active state (*héxis*) of the soul and the meaning of habit in the Aristotelian ethics.

KEYWORDS: Aristotle; Nicomachean Ethics; action; practice; virtue; desire.

Durante muito tempo valorizou-se mais a metafísica do que a política porque a primeira revelava verdades imutáveis sobre o ser, enquanto a segunda só abordava verdades relativas, contingentes, sobre o homem em sociedade. Aristóteles, entretanto, deixa claro nos seus escritos que cada área de saber tem o seu grau de exatidão próprio. Nesse sentido, afirma que todos os escritos/discursos que dizem respeito a ações não são precisos, mas apenas aproximativos [EN., 1104A, 1-5]. Ainda que possamos dizer que as ações (*práxeis*) visam o bem e que há bens que são mais ou menos consensuais, compartilhados, a política trata de ações individuais, particulares, realizadas por indivíduos singulares. Não há uma receita de bolo que diga como cada um deve agir em cada situação, pois as situações não se repetem. Os contextos mudam em cada ação, por isso o agente é obrigado a analisar as circunstâncias caso a caso, antes de tomar uma decisão e agir. Em Aristóteles, a política é a arte suprema, pois ela trata do bem maior, aquele que é um bem em si, a saber, a felicidade (*eudaimonía*). Mas se fossemos pensar na política, tal qual a entendemos desde Maquiavel, a saber, como uma reflexão sobre como permanecer no poder, então, poderíamos dizer que a política de Aristóteles tem mais elementos ligados à educação e à ética do que propriamente à política. Para ele, a política é a arte que mais 'governa', pois determina quais os saberes são mais

Castro, Susana de
Ética dos apetites

importantes para a cidade, quais os que cada pessoa deve aprender [EN., 1094b 1-2]. A felicidade é maior quando alcançada por toda a cidade e não apenas por uma só pessoa. A arte da felicidade é uma arte política que ensina cada cidadão a conduzir a sua vida e a de seus filhos de modo a que suas ações sejam belas e justas [τὰ δὲ καλὰ καὶ τὰ δίκαια, EN., 1094b 14]. Como fazemos para nos colocar em uma disposição para realizar ações justas e belas?

É um assombro o fato de o ser humano deter um modo de conhecimento que lhe permite qualificar sua ação. Não há apenas a ação da produção de objetos ou a ação da habilidade de tocar um instrumento, a ação ética é a ação que molda o caráter. Quanto mais predisposto a buscar o justo e o belo em suas ações mais o agente consolidará em si uma predisposição para o bem em si, o bem que não almeja, por exemplo, a honra ou a riqueza, meros meios para a felicidade.

Uma das características precípuas dos seres humanos é a capacidade racional do planejamento do agir. Em outras palavras, os seres humanos podem antecipar pelo pensamento possíveis desdobramentos de suas escolhas de ações, podendo, então, a partir daí, escolher, normalmente, aquela que lhe trará mais benefícios do que malefícios. Evidente que o futuro é sempre uma incógnita, mas os cidadãos de uma cidade-Estado reconhecem que só podem ser felizes em uma comunidade de iguais, por isso, almejam realizar ações que evitem tanto o seu sofrimento quanto o de seus conterrâneos. Essa racionalidade que planeja o futuro com respeito aos impactos das ações, em grande medida imprevisíveis, é a racionalidade ética. Um fator muito importante de orientação são os exemplos de figuras públicas notoriamente sábias. Aprendemos nos espelhando nas ações de homens nobres, diz Aristóteles.

Aristóteles deixa claro que os discursos (*lógoi*) contidos na *Ética a Nicomáco* visam ao aconselhamento prático, isto é, a orientações gerais sobre como agir de modo correto, sobre como fazer boas escolhas na hora de ‘agir’. A ação sobre a qual Aristóteles se debruça é a ação ‘política’, isto é, a ação que diz respeito ao modo como homens livres, que vivem na comunidade urbana da cidade, devem se conduzir no modelo de organização social perfeita.

Desde o início, Aristóteles deixa claro, primeiro, que estes discursos se destinam a pessoas experientes, pois os jovens ainda estão no processo de aprendizagem teórico, e não possuem prática, e, segundo, que não se pode esperar precisão e exatidão dessas orientações gerais. O tema maior de suas preleções são as chamadas virtudes éticas,

Castro, Susana de
Ética dos apetites

aquelas que estão ligadas aos apetites, pois enquanto as virtudes intelectuais dependem de aprendizagem, as virtudes éticas dependem da prática. O ser humano é um animal político, isto é, um animal que vive na cidade. Além disso, o que nos diferencia dos outros seres vivos é a capacidade de modificar comportamentos através do hábito. Nascermos com certas capacidades e aptidões, mas o tipo de indivíduo que nos tornaremos não está pré-definido na nossa natureza. Além de aptidões e capacidades naturais, aprendemos através da razão um número grande de conteúdo, mas o agir certo não é um conteúdo que se adquire do exterior para o interior, nem algo natural, mas uma disposição de caráter que se consolida através da prática e do exercício. Tornamos-nos inteligentes do ponto de vista ético, não na medida em que conhecemos as legislações e regras vigentes, mas sim na medida em que exercitamos as virtudes éticas. Em muitos momentos erraremos, em outros acertaremos nas escolhas, e na continuidade desse exercício o caráter vai sendo moldado e os hábitos do agir com vista ao justo e ao belo vão se consolidando na personalidade do indivíduo. Quanto mais cedo as pessoas forem se habituando a controlar seus impulsos e apetites, mais facilmente os bons hábitos consolidarão uma disposição ativa para o bom agir em cada uma delas. Claro que uma criança ou um jovem não possuem responsabilidade total por suas escolhas, por isso devem imitar o comportamento dos mais velhos, em particular dos homens excelentes (*spoudaious*). É difícil mudar o comportamento e o caráter de uma pessoa que não recebeu desde cedo orientação sobre o bem agir, mas, por outro lado, somente exercitando, na prática, é que esse hábito do agir com vistas ao bem coletivo, adquirido inicialmente de forma não refletida, irá adquirindo fundamento sólido na alma.

Assim como cada órgão tem uma função, Aristóteles se pergunta qual é a função do ser humano. Na sua visão, essa função (*érgon*) é a atividade ética guiada pela razão (*lógos*). Diferente dos animais, o ser humano adquire a capacidade de planejar as suas ações, pensar no seu impacto com relação aos outros, e, principalmente não ceder aos impulsos dos apetites, mas sim conter os desejos e apetites, e moldar o comportamento por um desejo deliberado, refletido. Se cedêssemos sempre aos nossos desejos e apetites, como o fazem as crianças, nos tornaríamos seres absolutamente egoístas e incapazes da convivência e da construção de um projeto coletivo, como uma cidade e suas leis.

Um dos temas centrais da *Ética a Nicomaco* é a análise do vir-a-ser da virtude na alma do jovem. Trata-se, porém, de um vir-a-ser bastante peculiar, visto que não se trata

Castro, Susana de
Ética dos apetites

de uma *génesis*, de um processo de vir a ser no qual algo vem a ser desde uma potência (*dýnamis*), como normalmente ocorre no caso do nascimento e desenvolvimento dos seres vivos em direção à sua forma e finalidade. No caso do vir-ser da virtude ou do caráter virtuoso no jovem, trata-se de um movimento de uma *enérgeia* para uma outra *enérgeia*, e não, como normalmente acontece, de uma *dýnamis*, ou capacidade, para uma atividade, ou atualidade.

A raiz da palavra *enérgeia* está em *érgon* que significa trabalho. Aristóteles deixa claro no primeiro livro da *EN* (cap.7) o significado de *érgon* quando compara a virtude do harpista excelente com a virtude do ser humano. O primeiro é excelente quando não só toca a harpa, mas a toca bem. Mas para tocá-la bem, ele precisou primeiro se exercitar, tocando. Com o tempo e aprendizagem assistida aperfeiçoou seu tocar, até chegar ao nível de excelência atual. Algo semelhante se passa com o ser humano. Há nele um trabalho a ser desenvolvido, uma atividade que lhe é própria. Este ‘trabalho’ diz respeito à realização daquilo que lhe é próprio enquanto espécie, a atividade que somente ele pode realizar, a sua finalidade, seu bem.

O fim do ser humano, aquilo que o diferencia dos demais seres vivos é o ‘estar-em-trabalho’ da alma de acordo com a virtude [*EN*, 1098a15-17]¹. O agir virtuoso é uma atividade da alma diferente das demais atividades da alma. No caso, por exemplo, da visão, o ser humano nasce com a capacidade de ver e passado pouco tempo depois do seu nascimento, a visão passa a funcionar. O vir a ser da virtude na alma do jovem é uma passagem do ‘estar no trabalho’ iniciante da alma de acordo com a virtude para o ‘estar no trabalho’ avançado da alma de acordo com a virtude. Aristóteles, ele próprio, reconhece que essa situação é paradoxal. No caso da ação virtuosa, para alguém ser chamado de virtuoso, é preciso, por exemplo, que aja justamente, ou belamente, mas para agir justamente não é preciso a pessoa ser justa? Neste caso, como justificar que a pessoa age justamente, se para ser justa ela precisa antes fazer ações justas?

O nó deste paradoxo é desfeito quando deixamos de lado a analogia com as artes. As artes de uma maneira geral produzem algo: o músico, uma música, o escultor, uma estátua, o marceneiro, uma mesa. Mas no caso da virtude, o julgamento acerca do caráter da pessoa não se dá apenas no resultado da sua ação. Elogiamos alguém por seu caráter a partir do seu comportamento em conjunto, isto é, a partir de diversas ações ao

¹ Seguindo a tradução de Joe Sachs preferimos traduzir *enérgeia* por ‘estar-no-trabalho’ (‘being-at-work’), ao invés de ‘atividade’.

Castro, Susana de
Ética dos apetites

longo do tempo. Além disso, não é somente o resultado da ação que interessa para saber se ela foi boa ou não, mas sim a forma com a qual a ação foi realizada. O agente para ser virtuoso precisa agir sabendo o que está fazendo, escolhendo o curso da ação e estando em um estado de alma decidido, inabalável. Há, portanto, todo um percurso de aperfeiçoamento cognitivo, deliberativo e volitivo da alma, para que o agente consiga a estabilidade da alma característica da pessoa virtuosa. Aristóteles diz claramente que a virtude não é sentimento (*páthe*) ou capacidade (*dýnamis*), mas sim um estado habitual, isto é, uma condição ativa (*héxis*)². Trata-se de uma característica exclusivamente humana.

O livro II da *EN* inicia-se com a diferenciação entre dois tipos de virtudes, as virtudes intelectuais e as virtudes de caráter, ou éticas, e três tipos de ‘*gênesis*’, por educação, por condição ativa, ou por natureza. As primeiras virtudes são frutos da educação, enquanto as segundas, da ‘condição ativa’. Comumente se traduz a palavra grega *héxis* por hábito, mas como Joe Sachs (2002) mostra, a palavra ‘hábito’ pode conduzir o leitor a achar equivocadamente que as virtudes do caráter são simplesmente regras e valores internalizados de maneira automatizada pelo agente, quando na verdade elas resultam da atividade de escolha certa do agente. Apesar de diferenciadas entre si, as virtudes éticas, ou de caráter, estão calcadas em um mesmo princípio de ação, a escolha (*proairesis*). A escolha do homem virtuoso, o homem que será elogiado por suas ações, é fruto de ‘desejo deliberativo’ (*bouleutikê órexis*). Em outras palavras, o homem de excelência de caráter, o *spoudaiós*, pauta o seu princípio volitivo, o desejo, não pelos afetos, mas sim pela razão. Isso não significa, porém, que sua ação seja desprovida de prazer. Por natureza, possuímos capacidades, como a visão, cuja gênese se dá no movimento, acima falado, da passagem de algo em potência para algo em ato. Não é esta evidentemente a gênese da excelência de caráter, visto que o caráter é moldado na prática, na ação. Não há regra moral universal, prévia à ação, em potência, que possa ser simplesmente acionada, atualizada, e aplicada na hora do agir. A situação, o contexto, as pessoas, a história são variáveis importantes que precisam ser levadas em consideração na hora de escolher o que fazer, como agir. Nesse sentido, Aristóteles diz, por um lado, que o agir ético é particular, e, por outro, que o conhecimento ético é diferente do tipo de conhecimento das ciências teóricas, porque inexato. A percepção

² ‘Active condition’, trad. Joe Sachs.

Castro, Susana de
Ética dos apetites

é decisiva aqui. O agente faz a leitura perceptiva da situação em que está inserido já levando em consideração todas as suas implicações, e concomitantemente percebe na mente, ou seja, imagina, quais os desfechos possíveis. São pouquíssimos homens, diz Aristóteles que acertam sempre no alvo, isto é, que sabem exatamente qual a ação correta, qual o momento correto para agir, qual o alvo correto da ação. Na maioria dos casos, a ação é virtuosa na medida em que atinge o menor dos males. Só há *um* alvo 100% correto para a ação, mas atingir esse alvo é difícilimo, quase impossível. É por essa razão que se diz que há muitas formas de erro, ou vício, mas apenas uma de acerto. O homem absolutamente excelente é quase divino, pois sabe na quase totalidade dos casos qual é a ação correta.

Como diz Aristóteles, nenhuma das coisas que são por natureza, podem se habituar a mudar, só os seres humanos. Assim, por mais que joguemos milhares de vezes uma pedra para o alto, isso não vai alterar sua natureza de ser atraída para a terra. As virtudes não surgem por natureza no ser humano, mas também não são contrárias a natureza. Vejamos como isso se dá. Em primeiro lugar expliquemos porque as virtudes não surgem naturalmente nos seres humanos, e, em seguida, porque elas não são contrárias à natureza humana.

Diferente das outras criaturas naturais, o ser humano nasce com a possibilidade de alterar a propensão natural pela satisfação imediata. Os seres sencientes seguem a máxima natural segundo a qual devemos buscar o prazer e evitar a dor. Os seres humanos, entretanto, podem alterar essa fórmula através da educação e do hábito, e buscar assim um prazer maior, o prazer do estado de temperança e prudência. Como a cidade, a felicidade humana também está na autarquia e autossuficiência, mas assim como não é possível uma cidade de uma pessoa - o ser humano também não pode ser autosuficiente longe da família, dos amigos e sem acesso a bens materiais. A moralidade e a ética são, neste sentido, dependentes das circunstâncias. Em primeiro lugar, dependem da educação recebida em casa e pelos preceptores e, em segundo lugar, não resistem a uma alteração drástica das circunstâncias de vida do indivíduo. Aquele que como Príamo, perde tudo, família, amigos, riqueza, poder, dificilmente recuperará a vivacidade de espírito necessária para o agir ético. Mas, se ele for jovem e conseguir recuperar-se, fazendo novos laços de amizade, isto é, assumindo a responsabilidade pelo bem estar de pessoas a ele ligadas, é possível que venha com o tempo recuperar essa condição ativa.

Castro, Susana de
Ética dos apetites

É absolutamente natural esperar que uma criança ache que seu desejo deve vir sempre em primeiro lugar e que os pais devam sempre satisfazer imediatamente as suas vontades. Cabe, entretanto, a eles lhe impor limites para que aprenda que os impulsos espontâneos podem muito bem ser controlados com vistas a um bem maior, seja este a integridade do caráter, a saúde, a boa convivência entre os cidadãos. O controle dos impulsos é um tema central da ética, visto que para Aristóteles agimos de modo vicioso ou ruim por causa do prazer, e, por outro lado, é por temermos a dor que evitamos agir bem. Aristóteles concorda com Platão que a grande tarefa da educação é fazer com que esse padrão de comportamento seja invertido, ou seja, que o jovem sinta prazer em agir bem, e dor ao agir mal.

A criança e o jovem vão aprendendo no decorrer do processo de amadurecimento que o bem é um fim em si mesmo e não um meio para atingir a felicidade. Aprendem quais as ações, atitudes e comportamentos são louvados e quais são censurados. Isso lhes mostra que as ações e comportamentos não são desprovidos de valores, ao contrário, estão cheias de valor. As mais louváveis são aquelas nas quais o agente não age em causa própria, isto é, não visa um ganho pessoal. Essas serão reconhecidas e julgadas por seus pares como boas.

O bom legislador é aquele que sabe como criar bons cidadãos, cidadãos responsáveis que respondam por suas ações. Esses bons cidadãos estão comprometidos com a felicidade da cidade, pois entendem que esta é a finalidade da sua boa vida. A cidade feliz é a cidade autossuficiente, autárquica, que possui em si os meios materiais necessários para a sobrevivência de seus membros e os meios de defesa adequados. A educação política vai envolver a música, a retórica, a ginástica e a educação militar. Por ser um animal dotado de fala e raciocínio o ser humano é naturalmente sociável. Na medida em que seu desenvolvimento pleno passa pelo desenvolvimento pleno de suas capacidades, a capacidade deliberativa e a fala são o que o distingue dos demais animais; espera-se que desenvolva essas capacidades na sua plenitude.

A virtude ou excelência do ser humano caracteriza-se, assim, pela excelência do seu *trabalho*, de seu *érgon*, daquilo que lhe é próprio, isto é, de sua capacidade de avaliar qual é a boa ação antes de agir, de deliberar sobre a ação correta antes de agir. Esse alvo da ação correta é difícil de ser atingido, pois é a exata justa medida entre dois extremos. Na melhor das hipóteses, somos capazes de nos aproximarmos desse ponto de equilíbrio entre os extremos da deficiência e do exagero. A virtude é o meio entre os

Castro, Susana de
Ética dos apetites

dois vícios. A título de ilustração, dizemos que a coragem é o meio termo entre a impetuosidade e a covardia; a generosidade, a virtude entre o vício do desperdício e o vício da sovínice; a temperança, a escolha/virtude entre o descontrole e a abstinência, e assim por diante. Percebe-se através da escolha do meio caminho como o alvo do caráter e da ação ética que Aristóteles não defende que a vida boa está na negação dos prazeres carnis ou físicos, mas sim na sua moderação.

Como vimos, por natureza, os seres humanos, como os animais, buscam o prazer e evitam a dor. Se for assim, por que a virtude de caráter não é contrária à natureza, já que a ação virtuosa implica normalmente em dor, e a ação viciosa no prazer –, pois a primeira leva o agente a postergar a satisfação imediata de seus impulsos, a não buscar a vantagem para si, enquanto a segunda não? Ela não é contrária à natureza, visto que o que caracteriza a excepcionalidade do ser humano é sua capacidade de deliberar sobre a ação antes de agir. Em outras palavras, a sua excepcionalidade deriva do fato de a alma apetitiva e desiderativa ser sensível aos apelos da alma intelectual. Neste sentido somos dotados por natureza com esta possibilidade de fazer nossas escolhas deliberadamente e assim agir de modo responsável. Se a parte irracional da alma fosse totalmente surda aos apelos da razão, então, poderíamos dizer que de fato as virtudes do caráter são contrárias à natureza, mas felizmente este não é o caso. Evidentemente, como salientado acima, essa escuta não se dá de modo imediato ou automático, mas é alcançada paulatinamente, ao longo de um processo educacional e do hábito, e sempre sujeito a reveses. Afinal, jamais abandonamos completamente nossa natureza infantil e estamos sempre sujeitos a recaídas no egoísmo, ou a escolher uma ação que nos é prejudicial. Importantíssimo aqui que o indivíduo pratique as ações boas de modo contínuo, pois como Aristóteles diz, ninguém se torna justo através do conhecimento, isto é, teorizando sobre o modo correto de agir, mas sim agindo, interagindo com o meio político e social, avaliando as variáveis e circunstâncias particulares.

O caráter virtuoso é, na verdade, uma ‘segunda’ natureza, ou melhor, a natureza *primária* do ser humano. O sinal de que algo é natural é o sentimento de prazer que ele provoca. No caso das ações virtuosas, pautadas por um desejo deliberativo, elas provocam um prazer especial. Diz Aristóteles: “A vida dessas pessoas ativas é prazerosa em si mesmo” [1099a, 6-7]. A vida é prazerosa para o homem prudente porque ele já não age por hábito em oposição às inclinações. As coisas que são prazerosas em si,

Castro, Susana de
Ética dos apetites

primariamente, não possuem contrários que provoquem dor, pois nos deixam livres para agir simplesmente como somos.

A virtude é uma condição ativa da alma. Tornamos-nos justos, agindo de modo justo de forma frequente. Quando associamos nossa capacidade desiderativa, ou volitiva, à nossa capacidade deliberativa, estamos, na visão de Aristóteles, nos aproximando mais na nossa natureza primária, e do nosso *érgon*.

Referências bibliográficas:

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Trad. António de Castro Caeiro. São Paulo: Atlas, 2009.

ARISTOTLE. *Nicomachean Ethics*. Trad Joe Sachs. Indianapolis: Hackett, 2002.

[Recebido em outubro de 2018; aceito em dezembro de 2018.]